

monumento

monumento do mês

A IGREJA DA GRAÇA

Na opinião de Veríssimo Serrão, a arquitectura gótica tem em Santarém - capital do gótico em Portugal - a sua mais representativa imagem na Igreja da Graça.

Este edifício fazia parte do extinto convento dos eremitas calçados da ordem de Sto. Agostinho, indo os seus domínios até às terras do Pereiro e possuindo abundantes rendimentos. Este conjunto arquitectónico foi mandado erguer pelo tio de D. Leonor de Teles, D. João Afonso Telo de Menezes e sua mulher D. Guiomar de Vilalobos, primeiros condes de Ourém, para que os frades graciosos fundassem um convento em Santarém. A construção, começada em 1380, foi certamente interrompida nos anos da crise dinástica, tendo sido no essencial edificada durante a primeira metade e os meados do séc. XV. Em 1446 o mosteiro ainda não estava concluído devido à falta de meios, tendo a condessa de Ourém feito doação aos religiosos, para acrescentamento do mesmo, da grande quinta da Goxa, que possuía na margem esquerda do Tejo, próximo de Almeirim. Aqueles tomaram finalmente posse do riquíssimo património a 7 de Fevereiro de 1447.

A Igreja de Nossa Senhora da Graça filia-se no gótico flamejante, sendo clara a influência do Mosteiro da Batalha construído na mesma época (1388 – 1433) pelos mestres Afonso Domingues e Huguet. Segundo Pedro Dias, não é de aceitar que este templo escalabitano tenha sido um ensaio para o Mosteiro da Batalha. Ainda que de fundação anterior a este, a análise de todos os elementos construtivos da Igreja da Graça leva a crer que os seus construtores foram homens educados nos primeiros tempos dos trabalhos da Batalha e que seguiam o que aí se fazia, bem como as novidades introduzidas.

Quem chega junto da Igreja da Graça fica impressionado com a sua rosácea flamejante, de lavor estrelado, de uma só pedra de fino rendilhado, cujos raios, que tremulam em curvas e contracurvas, se vão encontrar num centro de forma ocular, em coroa que se destaca pela unidade de motivos. O pórtico, que revela igualmente a influência batalhina, é formado por cinco arquivoltas de arcos ogivais acareladas e prolongamento em querena, cujas colunas e capitéis são decorados com motivos vegetalistas. A frontaria é harmoniosa pela ligação de sumptuosidade entre os cairéis dos arcos do pórtico e os raios entrelaçados da rosácea.

Entra-se na igreja descendo por uma longa escadaria. O templo é formado por três amplas naves, sendo as laterais separadas da principal por seis colunas de cada lado. Dos seus capitéis irrompem arcos que são ogivais, à excepção dos das capelas do transepto que são de meio ponto. A cabeceira é composta pela capela-mor e duas colaterais. Existem mais três capelas – uma em cada braço do cruzeiro e outra na nave epistolar. Este conjunto é coberto por abóbodas de nervuras.

Na Igreja da Graça encontra-se sepultado, em campa rasa, Pedro Álvares Cabral com sua mulher D. Isabel de Castro, bisneta dos fundadores do templo. Aliás, a riqueza tumular desta igreja é grande, sendo de destacar o sarcófago de D. Pedro de Menezes, primeiro governador de Ceuta, e de sua mulher, com duas estátuas jacentes de mãos dadas, à semelhança do túmulo de D. João I e de D. Filipa de Lencastre, na Batalha.

Bibliografia:

Brandão, Zeferino, Monumentos e Lendas de Santarém, Lisboa, David Corazzi, 1883

Dias, Pedro, História da Arte em Portugal, 4º vol., Lisboa, Publicações Alfa, 1986

Sarmiento, Zeferino, A Arte em Portugal – Santarém, Porto, Marques Abreu, 1931

Serrão, Veríssimo, Santarém – História e Arte, Santarém, Comissão Municipal de Turismo, 1959, 2ª ed.

Serrão, Vítor, Santarém, Lisboa, Presença, 1990



Pedro Manuel Luís de Freitas
Sub-área de História